

ALFABETIZAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Wanessa Barbosa Leão¹

Kellyane Silva do Nascimento²

João Paulo Machado Godoy (orientador)³

RESUMO

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica. De acordo com a BNCC, nela se inicia o primeiro passo para o processo educacional, é quando a criança começa a ter, na maioria das vezes, a primeira separação dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporar a uma situação de socialização estruturada. Por isso, o cuidar é indissociável nesse novo processo. Apresenta-se o seguinte problema: realizar atividades de alfabetização com crianças de pré-escola prejudica ou ajuda o seu desenvolvimento? Elas já vêm com suas vivências e conhecimentos trazidos do ambiente familiar e agregado ao contexto pedagógico podem complementar seus conhecimentos e habilidades. Nesse sentido, essa pesquisa tem como fundamentação teórica e conceitos os autores Emília Ferreiro, Magda Soares e outros, onde nós pesquisadoras investigamos e analisamos as possibilidades em alfabetizar na Educação Infantil, se isso traz ou não benefícios no desenvolvimento educacional das crianças e está ou não dentro das propostas curriculares para esta etapa da educação. Para tanto, estudamos os conceitos de alfabetização e letramento e a Educação Infantil na BNCC. A partir desta fundamentação teórica, realizamos uma pesquisa bibliográfica na qual utilizamos artigos científicos, livros, documentos oficiais e vídeos especializados para entender se alfabetizar na Educação Infantil é ou não viável. Os resultados indicaram que não é adequado a introdução da alfabetização de modo sistemático na Educação Infantil, mas podemos possibilitar o letramento a partir da inserção das crianças em práticas sociais da leitura e escrita.

Palavras chaves: Alfabetização, Educação Infantil, Letramento.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se insere no tema da alfabetização na Educação Infantil. Dentro deste tema, as autoras estão investigando o seguinte problema: realizar atividades de alfabetização com crianças de pré-escola prejudica ou ajuda o seu desenvolvimento? As autoras têm como hipótese a de que as atividades de

¹ Graduanda em Pedagogia pela BSSP. E-mail - kellyanegyn@gmail.com

² Graduanda em Pedagogia pela BSSP. E-mail - wanessaleao1912@gmail.com

³ Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UFG. E-mail: jpmgodoy@gmail.com.

alfabetização ajudam no desenvolvimento dessas crianças, porque tais atividades contribuíram com as aprendizagens das séries posteriores, já que as crianças da Educação Infantil que forem apresentadas aos livros literários, contação de histórias, identificação de números, socialização, desenhar e brincar podem assimilar melhor as palavras.

Essa investigação foi escolhida porque uma das autoras já tinha experiência em pré-alfabetizar crianças da pré-escola. Antes da experiência ela pensava diferente. No entanto, trabalhando com uma turma de alunos de 4 anos foi possível vivenciar diversos tipos de atividades e perceber a pré-alfabetização acontecendo de forma natural. Decidiu-se, pois, pela investigação sobre esta temática, buscando maiores confirmações do ponto de vista científico para afirmar se estas atividades podem mesmo contribuir para o processo de alfabetização das crianças.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Alfabetização e Letramento

É importante, de acordo com diversos estudiosos, entender a diferença entre alfabetização e letramento. Apesar de serem processos distintos, eles se somam, e devem acontecer simultaneamente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (SANTOS et al, 2016). Isto porque são inseparáveis: “o ideal é ensinar a ler e escrever de modo que a criança não apenas decodifique as palavras, mas entenda o que lê” (SANTOS et al, 2016, p. 02).

A criança, ao chegar na escola, ainda que ela não seja alfabetizada, ela traz experiências de letramento, na medida em que tenha contato com práticas sociais de leitura ou escrita. Por exemplo, uma mãe que conta uma história para o seu filho já o insere numa prática de letramento, embora a criança ainda não saiba ler. Neste sentido, de acordo com Magda Soares, “Letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. (SOARES *apud* GUIMARÃES, 2009, p. 03)

Assim, para essa compreensão, ninguém pode ser considerado totalmente iletrado, pois “todo sujeito, independentemente de condição socioeconômica ou intelectual, faz algum tipo de uso da escrita e de sua prática social” (GUIMARÃES, 2009, p. 03). A autora dá alguns exemplos que ilustram isso, como a da pessoa que pede para que outra pessoa possa ler para ela uma receita de medicamento ou do indivíduo que pede para outro explicar como chegar a um determinado lugar (GUIMARÃES, 2009).

O conceito de letramento, trazido por Magda Soares, é de suma importância para os educadores. Ora, vivemos numa sociedade letrada, sendo que a escrita e a leitura estão presentes nos espaços de socialização, no acesso aos serviços públicos e privados, etc. Assim, é preciso que a alfabetização não somente ensine as crianças a codificar e decodificar, mas que também elas possam compreender, fazer uso e participar das diversas práticas sociais de leitura e de escrita (SANTOS et al, 2016).

Por sua vez, os estudiosos apresentam uma definição própria para o conceito de alfabetização. Enquanto letrar seria inserir o indivíduo nas práticas de leitura e escrita, alfabetizar seria levar a criança a ter vivência com as letras, as sílabas, de forma a conhecer os seus sons e aprender a codificar/decodificar palavras. “Não basta apenas o convívio com o material escrito, é necessário ter uma direção e uma sistematização por meio de uma reflexão metalinguística [...] (SANTOS et al, 2016, p. 03)”. Não basta ter só materiais e materiais escritos, o aluno tem que vivenciar também a alfabetização com muitas brincadeiras com palavras cantadas com sons das letras ou seja a alfabetização tem que entrar no universo do aluno.

Não é apenas ensinar o aluno nas práticas sociais de leitura e escrita, tem que ensinar também como se escrevem as palavras e porque se escreve com tal letra ou sílaba (SANTOS et al, 2016, p. 06). É quando a criança começa a juntar as sílabas e formar palavras. “O professor deve estimular o desenvolvimento das habilidades dos alunos de reflexão sobre as relações entre partes faladas e partes escritas no interior das palavras. (SANTOS et al, 2016, p. 09).

Esse processo se dá a partir de hipóteses, que, de acordo com Ferreiro, começa com a compreensão de que a escrita representa a coisa em si, e posteriormente, que a escrita representa os sons (hipótese silábica e alfabética).

O indivíduo, independentemente da classe social, percorre os caminhos para se apropriar da língua escrita, passando por níveis estruturais de pensamento. Esses níveis foram intitulados por Emília Ferreiro (1999) de

nível pré-silábico, nível silábico, nível silábico-alfabético e nível alfabético. (SANTOS et al, 2016, p. 04)

Considerando a alfabetização um processo de construção de hipóteses sobre o sistema alfabético de escrita, o aluno precisa participar de situações desafiadoras, que oportunizem a reflexão sobre a língua escrita. (SANTOS et al, 2016, p. 03)

Portanto, cabe a nós professores fazer o letramento caminhar lado a lado com a alfabetização, o que significa, ao mesmo tempo, inserir o aluno nas práticas de leitura e escrita e proporcionar a consciência dos sons e sílabas da língua. Assim o aluno assimila melhor e aprende mais rápido e com maior satisfação. Para tanto, podemos utilizar jogos de alfabetização, brincadeiras, jogos com letras, músicas com as palavras do alfabeto, criação de uma sala toda decorada com o labirinto das letras, histórias e cantigas.

1.2. Educação Infantil

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, nela se inicia os primeiros passos para o processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada (BRASIL, 2018).

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB no 5/2009), em seu Artigo 4º, definem a criança como:

sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009 *apud* BRASIL, 2018).

Podemos definir a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como um conjunto progressivo de aprendizagens de caráter essencial, onde todos os alunos têm a necessidade de desenvolver de acordo com as etapas e modalidades propostas na educação básica, tendo assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento previstos na Constituição de 1988 na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 e no Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014.

Atualmente, o Brasil prevê o direito de matrícula em creche a qualquer família com crianças de 0 a 5 anos, sendo que, entre 4 a 5 anos, trata-se atualmente não apenas de um direito, mas um dever (BRASIL, 2018).

No decorrer dos últimos anos na Educação Infantil, vem consolidando a concepção de educar e cuidar, onde o cuidado é indissociável no processo educativo (BRASIL, 2018). Articulando nas creches e pré-escolas as vivências e os conhecimentos trazidos pelo ambiente familiar e integrando no contexto pedagógico, as creches e pré-escolas têm como objetivo a ampliação do universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, atuando de maneira complementar à educação familiar, promovendo a socialização, a autonomia e a comunicação.

A Base retoma o artigo 9º da DCNEI que apresenta os seguintes eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica: as interações e a brincadeira (BRASIL, 2009, *apud* BRASIL, 2018). Nestes eixos, promovem-se experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização (BRASIL, 2018). Devemos ressaltar, ainda, que a brincadeira traz muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento da criança. Podemos observar que a brincadeira entre adultos e crianças identifica expressões de afeto, mediação das frustrações, resoluções de conflitos e regulação das emoções (BRASIL, 2018).

Existem seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que asseguram na Educação Infantil as condições para as crianças aprenderem ativamente em ambientes que possam vivenciar desafios e se sentirem aptas a resolvê-los construindo significados sobre si mesmo e o mundo no contexto social e natural (BRASIL, 2018). Além disso, a organização curricular da Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco campos de experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento.

O primeiro campo de experiência é denominado “eu, o outro e o nós”, é na interação com os adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar podendo descobrir outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. De acordo com suas experiências sociais constroem percepções e questionamentos sobre si e os outros, diferenciando-se e identificando-se como seres individuais e sociais. As crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, reciprocidade e de independência com o meio, criando oportunidades

para que as crianças entrem em contato com os outros grupos sociais e culturais, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, celebrações e narrativas ampliando o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizando sua identidade, respeitando os outros e reconhecendo as diferenças que nos constituem como seres humanos (BRASIL 2018).

O segundo campo, chamado “Corpo, gesto e movimentos” trabalha, por meio de sentidos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos, a exploração do mundo pelas crianças, o espaço e os objetos do seu entorno estabelecendo relações, expressando, brincando e produzindo conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente conscientes dessa corporeidade. Através de diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. Conhecendo e reconhecendo as sensações e funções de seu corpo e, com gestos e movimentos identificando suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco a sua integridade física (BRASIL, 2018).

Na Educação Infantil o corpo da criança ganha centralidade, pois ele é o partícipe principal das práticas pedagógicas de cuidado físico, orientados para a emancipação e liberdade, e não para a submissão. Por isso que a instituição escolar necessita promover oportunidades ricas para que as crianças possam ser sempre animadas pelo espírito lúdico, explorando e vivenciando um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo, para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo. Como sentar, com apoio, rastejar, escorregar, caminhar apoiando, saltar, escalar, equilibrar, correr, dar cambalhotas e etc. (BRASIL, 2018).

O terceiro campo “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” entende que desde muito pequenas as crianças vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, constituído de fenômenos naturais e socioculturais. Muito pequenas, elas procuram se situar em diversos espaços e tempos, demonstrando curiosidade sobre o mundo físico, os animais, plantas, as transformações da natureza, tipos de materiais e sua manipulação e o mundo sociocultural. Se deparam também com conhecimentos matemáticos.

Por isso que a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipulações de objetos, investigar e explorar o

seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informações para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Com isso, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-lo em seu cotidiano (2018).

O quarto campo de experiência é chamado “Traços, sons, cores e formas” e sinaliza o trabalho com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagem, colagem, fotografia, a música, o teatro, a dança, e audiovisual, entre outras. Através dessas experiências elas se expressam por várias linguagens, criando suas produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria coletiva e individual com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulações de diversos materiais e de recursos tecnológicos (BRASIL, 2018).

Estas ações contribuem para que desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca. A Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades ao ampliar repertórios interpretando suas experiências e vivências artísticas.

Por fim, o quinto e último campo da experiência, “Escuta, fala, pensamento e imaginação” pressupõe que desde o nascimento as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem. As primeiras formas de interações do bebê são os movimentos do seu corpo, o olhar, a postura corporal, o sorriso, o choro e outros recursos vocais, que ganham sentido com a interpretação do outro. Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BRASIL, 2018).

O contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se

revelam inicialmente em rabiscos e garatujas, compreendendo a escrita como sistema de representação da língua (BRASIL, 2018).

Portanto, a proposta de trabalho pedagógico na Educação Infantil é bastante ampla, rica de aprendizagens, e não podemos perder de vista tudo isso ao conduzirmos turmas dessa etapa da Educação Básica. No que se refere, especificamente, à proposta de leitura e escrita, percebe-se uma compreensão calcada nos estudos de letramento, que foi exposto no tópico anterior.

2. METODOLOGIA

Optamos por uma pesquisa bibliográfica. De acordo com a UEG (2008),

A Pesquisa Bibliográfica compreende o levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, periódicos (revistas), teses, anais de congressos, indexados em bases de dados em formato on-line ou cd-rom. Sua finalidade é proporcionar ao aluno ou ao pesquisador o acesso à literatura produzida sobre determinado assunto, servindo de apoio para o desenvolvimento de trabalhos científicos e análise das pesquisas (UEG, 2008, s/p).

Na nossa pesquisa, fizemos a leitura de artigos científicos, livros, documentos oficiais e assistimos vídeos especializados para chegar a um entendimento sobre o conceito de alfabetização e letramento na Educação Infantil buscando respostas para o problema inicialmente apresentado. Neste processo também as nossas experiências, enquanto professoras, contribuíram para a reflexão sobre o problema.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciaremos aqui com a fala de Emília Ferreiro:

(...) Deve-se ensinar a ler e a escrever na pré-escola ou não? Minha resposta é simples: Não se deve ensinar, porém deve-se permitir que a criança aprenda. Qual a única maneira de permitir a alguém – criança ou adulto – que aprenda algo a respeito de certo objeto do conhecimento? Permiti-lhe que entre em contato, que interaja com esse objeto (1999, p. 38).

Na Educação Infantil podemos destacar que, muito mais importante do que ensinar as letras do alfabeto é familiarizar as crianças com práticas sociais em que a leitura e escrita estejam presentes exercendo funções diversas no contexto social. As propostas de alfabetização e letramento devem propiciar às crianças ambientes

pedagógicos lúdicos, aguçando a imaginação, introduzindo a importância da socialização, desenvolvendo habilidades respeitando o tempo certo de cada criança, criando situações investigativas para que elas possam alcançar a autonomia.

No entanto, o que na verdade acontece nas salas de aulas de Educação Infantil não corresponde ao indicado pela pesquisa bibliográfica que realizamos, pois está em desacordo com Bittencourt (2018) e com a BNCC (BRASIL, 2018), por exemplo. Geralmente são salas com mesas e cadeiras, cartazes de alfabetos e números, quadro, calendários, livros didáticos, cadernos, palavras, entre outros que aparentemente remetem a uma organização de Ensino Fundamental, voltada para a alfabetização, e não para o letramento.

Conforme o estudado, a alfabetização se refere especificamente à aprendizagem e domínio do código alfabético. É o processo onde a criança aprende a decodificar os elementos que compõem a escrita. Já o letramento, por sua vez, designa a capacidade e competência que o sujeito adquire a partir de uma função social da leitura e da escrita. Diz respeito a um contexto mais amplo, além da aprendizagem das letras e símbolos escritos, mas referindo-se a compreensão, interpretação e uso da língua nas práticas sociais. Os estudos teóricos que realizamos encaminham a ideia de letrar na Educação Infantil, e não alfabetizar.

O letramento faz parte da criança em seu contexto social e familiar, pois ela traz consigo experiências em que já conhece alguns contos de histórias, muitas vezes elas mesmas contam essas historinhas que lhes foram contadas, sabem distinguir os sabores de sucos e refrigerantes pelas embalagens, escolhem as músicas que querem ouvir e daí por diante. A alfabetização ainda não está relacionada com essas experiências, pois as crianças não possuem habilidades e muito menos conhecimentos em decodificar e codificar letras, por esse motivo não deve ser algo obrigatório nos Anos Iniciais da Educação Básica.

Isso pode ocorrer talvez por falta de conhecimento ou porque a escola exige que seja dessa forma, e também por não haver conhecimento na organização curricular da Educação Infantil. Os educadores trazem consigo muitas vezes atividades que iniciam a preparação para o processo de alfabetização, deixando para trás a importância da organização curricular da Educação Infantil na BNCC que está estruturada em cinco campos de experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2018), conforme vimos em tópico anterior.

Na Educação Infantil, conforme foi explicado, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BRASIL, 2018). Por outro lado, o que existe na verdade é a preocupação em alfabetizar logo a criança para “facilitar” ou “preparar” sua entrada nos Anos Iniciais, deixando para trás o verdadeiro sentido da Educação Infantil.

Ferreiro (1999) acredita que não devemos impedir a criança, de acordo com o seu tempo e interesse, em ler e escrever; porém, é preciso entender esse processo adquirido pela própria criança, autonomamente.

A ilusão pedagógica pode manter-se porque as crianças aprendem tanto a proceder como se nada soubessem (embora saibam), quanto a mostrar diligentemente, que são capazes de aprender através do método escolhido. Não se trata de mantê-las assepticamente isoladas da linguagem escrita. É muito importante que aconteça uma compreensão entre as respostas e as perguntas das crianças, para entender que a aprendizagem da linguagem escrita é muito mais que a aprendizagem de um código de transcrição: é a construção de um sistema de representação (FERREIRO, 1988).

Neste sentido, propõe-se respeitar o desenvolvimento e o ritmo individual de cada aluno, expondo tudo o que a criança pode descobrir e conhecer sem exigir que ela aprenda tudo, pois a compreensão vem de acordo com o seu ritmo. A escola tem como papel a prática da leitura. Os livros literários são grandes aliados nessa primeira etapa, o hábito em estar lendo e transmitir e o que adquiriu naquela leitura é indispensável no desenvolvimento pedagógico. É responsabilidade de nós educadores despertar o interesse pela leitura em nossos alunos, por sua vez, uma paixão adquirida pela leitura dificilmente será separada.

Vygotsky (2008 apud BITTENCOURT, 2018) argumenta que, durante muito tempo, se ensinou as crianças a traçarem letras, a desenhar as letras, mas que hoje precisamos caminhar para a compreensão do que seja a função da linguagem escrita e desenvolver situações que tenham sentido e significado para a criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa bibliográfica realizada, que contemplou artigos científicos, capítulos de livro e documentos como a BNCC, pode-se constatar que a alfabetização deve ocorrer no tempo de cada criança. Não se pode privar a criança de aprender, no entanto, a recomendação é a de que não se force a alfabetização nesta etapa.

Após a conclusão da pesquisa, o problema abordado inicialmente foi respondido, uma vez que a pergunta: “deve-se alfabetizar na Educação Infantil?” foi devidamente respondida: não se deve. Os estudos indicam que nesta etapa o foco é o letramento. Neste sentido, a hipótese inicial das autoras foi em parte, negada, pois acreditava-se que, talvez, a pré-alfabetização seria importante para as séries posteriores; na verdade, é importante que a criança esteja imersa numa realidade letrada e participe de práticas de leitura e escrita, conforme já era anunciado pelas autoras, mas não se deve, nesta etapa, ensinar de forma obrigatória e rigorosa as letras, sílabas, grafias, etc.

Dentre os estudos feitos e análises, cabe ao professor valorizar o indivíduo como ser primordial nesse processo, valorizar os conhecimentos prévios da criança nesse processo de aprendizagem da leitura e escrita. As autoras não pretendem esgotar o tema, uma vez que é um assunto que abrange muita pesquisa e estudo, impossível de ser realizado no tempo de um trabalho de conclusão. No entanto, os resultados iniciais são promissores e sinalizam caminhos que as autoras pretendem percorrer em sede de pós-graduação.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Zoraia Aguiar; SOUZA, Flávia Burdzinski de. Ler e Escrever na Educação Infantil: a criança como sujeito participante da cultura escrita. **Convenit Internacional**, 33, mai-ago 2020, Universidade do Porto. p. 55-64.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil. Parecer em 20/2009. Brasília, DF 2009.

_____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (Versão final). Ministério da Educação, Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 08 abril, 2021.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. 12. edição. Tradução de Horácio Gonzales. São Paulo: Cortez, 1988.

GUIMARÃES, Nilma. Afinal, o que é letramento? UOL, 2009. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/planos-de-aula/fundamental/portugues-afinal-o-que-e-letramento.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

SANTOS, Ana Claudia Siqueira dos; PESSOA, Élide; PEREIRA; Maria José Garangau; SILVA, Rozilene Nascimento Lima. **Alfabetização e Letramento**: Dois conceitos, um processo. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc3-6.pdf>. Acesso em: 08 Abr. 2021.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

UEG. Universidade Estadual de Goiás. **O que é Pesquisa Bibliográfica**. Disponível em: http://www.ueg.br/noticia/36347_o_que_e_pesquisa_bibliografica. Acesso em: maio 2021.